

Identificação e pertencimento: movimentos culturais e conscientização racial

» IARA DEODORO

Assistente social, coreógrafa, arte educadora, produtora cultural e coordenadora geral do Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode

Ser negro no Rio Grande do Sul, um estado que promove, para além do preconceito, o apagamento de qualquer possibilidade de consciência racial, é ato contínuo de resistência. Ao longo da caminhada, tenho notado que é baixo o acesso a informações que podem contribuir para a formação da consciência de quem não se identifica com a educação vigente, imposta de cima para baixo. Sem registros oficiais, o cultivo dos costumes afro-brasileiros sempre se deu por meio da oralidade, perdendo-se um pouco da história à medida que os mais velhos, detentores da sabedoria, desapareciam.

Na infância e adolescência, estudei como bolsista em uma escola de freiras, onde tive acesso à cultura majoritária, única, ideal para a formação de todos. Sem me reconhecer nesse cenário, imergi profundamente no universo da dança, ensaiando meus primeiros passos como bailarina, estudando os mais diferentes estilos. Mas, mesmo com a consciência da base sólida de minha formação de multiplicadora cultural, sentia falta de um elo, de uma conexão entre os movimentos que meu corpo realizava e minha alma. Faltavam-me referências de arte afro-brasileira.

Foi então que encontrei no culto aos Orixás e no carnaval o impulso para seguir minha busca pelos elementos que completariam minha essência, fortificando a consciência negra que intuitivamente já cultivava. Quando conheci e comecei a participar do Grupo de Música e Dança Afro-Sul, no início da década de 1970, vi acender uma chama que ilumina minha alma até hoje, pois um novo horizonte legitimou minha busca, propiciando contato com minha ancestralidade através da arte. Essa ligação, ou religião, permitiu que os movimentos da minha dança acontecessem de forma intuitiva. Anos mais tarde, tive a certeza de que estava no caminho certo.

Paralelamente ao grupo, também percebi o carnaval como um veículo de inclusão social e cultural, um caminho para disseminar a cultura afro e ampliar os olhares eurocentrados da comunidade negra de Porto Alegre. Foi assim que fundamos a Sociedade Cultural Beneficente Escola de Samba Garotos da Orgia, em 1980, cujo estatuto expressava a obrigatoriedade de temas enredos que enaltecessem a cultura negra e suas origens. Cada desfile era uma aula de história, pois os enredos eram inspirados em lendas originárias dos diversos povos africanos, na religiosidade, nas manifestações folclóricas identitárias do negro no território brasileiro e em personagens icônicos, símbolos da luta pela liberdade no Brasil.

Nessa jornada percebi que a busca pela disseminação da cultura negra é muito mais profunda, é um anseio coletivo bem mais amplo do que eu imaginava. No carnaval de 1988, a escola apresentaria o tema-enredo *Tenda dos Milagres*, baseado no livro homônimo de Jorge Amado. Ainda muito distantes da tecnologia e do acesso às conexões digitais, escrevemos ao autor da obra, pedindo autorização



para desenvolvermos um desfile traduzindo em plástica o personagem da sua literatura.

Ele não só nos retornou, permitindo retratar sua criação, como enviou o roteiro completo da obra transformada em minissérie pela TV Globo, pondo-se à disposição para quaisquer dúvidas. Neste momento, entendi que um livro, uma produção de TV e uma escola de samba têm poderes equivalentes, a mesma capacidade de informar e disseminar cultura. O carnaval tem um papel importante não apenas para a educação de suas próprias comunidades como para a população geral que o acessa.

Outrora encontrei na Garotos uma forma de levar ao alcance da comunidade fagulhas de consciência e busca por pertencimento — e, hoje, vejo a continuação do meu sonho tomando-se realidade nos desfiles de tantas outras entidades.

Também me sinto realizada em ver a academia reconhecendo o conhecimento empírico

das escolas de samba e os segmentos que as formam, servindo como objetos de estudo e temas de monografias, dissertações e teses. Contrariando os ideais de uma cultura embranquecida que historicamente nos é imposta, esse movimento popular serve como grito de protesto para quem nunca se vê representado culturalmente e que, formado majoritariamente por negros, se confirma como um ato de resistência contra o apagamento ao qual tentam submetê-lo.

A mola propulsora para essa transformação é a cultura que educa, acolhe e gera conteúdos reflexivos, como os enredos que levam para o desfile a força dessas simbologias. São esses temas, verdadeiros patrimônios imateriais, que evidenciam a resignificação do carnaval, bem como o papel do povo como protagonista de sua própria história, celebrando novas conquistas em um novo tempo.

Vamos falar da qualidade do ar nas grandes cidades?

» EVANDRO GUSSI

Presidente da Unica — União da Indústria de Cana de Açúcar

A poluição do ar é hoje uma das vilãs da saúde pública nas metrópoles, responsável por 4,2 milhões de mortes no mundo, todos os anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em relatório publicado em abril deste ano, a OMS estima que quase toda a população mundial respira ar insalubre, em parte, pela utilização de combustíveis fósseis. Estudo da conceituada Universidade de Harvard conclui que um aumento de apenas 1% na concentração de material particulado fino (MP 2.5) resultaria em um incremento de 8% das mortes por covid-19.

A pandemia, por sinal, impactou diretamente nos índices de poluição nos grandes centros urbanos ao redor do planeta e evidenciou o papel dos combustíveis fósseis nesse sentido. Isso porque, com as medidas de restrição de circulação, foi registrada uma salutar redução de poluentes e consequente melhoria da qualidade do ar nessas cidades. De acordo com o relatório anual da IQAir, website que mede e ranqueia esses indicadores, 65% das cidades no mundo inteiro experimentaram significativas melhorias na qualidade do ar em 2020, na comparação com o ano anterior.

Nesse sentido, a metrópole de São Paulo é ilustrativa. Sendo a quarta maior cidade do globo em termos de população, e conhecida pelos constantes congestionamentos e lentidão no trânsito, ocupou em 2021 a posição de 1.779 dentre as cidades mais poluídas do mundo. Isso se deve, em grande medida, pelo fato de que o maior centro urbano do Brasil, conta

com frota flex predominante, ou seja, naquele ano, 64% da gasolina foi substituída por etanol, combustível que praticamente não emite material particulado.

Situação oposta pode ser observada em outra parte do planeta, a capital indiana, Nova Deli. A segunda maior cidade do mundo ocupou o quarto lugar dentre as cidades mais poluídas no ranking da IQAir, no ano passado. É mais, se considerarmos as 50 cidades mais poluídas do mundo, 34 são indianas. Não por acaso, o governo da Índia está revendo sua matriz de combustíveis e de transportes, visando à melhoria da qualidade do ar.

Como resultado de uma produtiva parceria entre os governos e setores privados do Brasil e da Índia, o país asiático decidiu aprovar a mistura de 20% de etanol na gasolina até 2025, além da adoção de veículos flex que, assim como no Brasil, podem rodar indistintamente com gasolina ou etanol. Com isso, além da melhoria da qualidade do ar, indianos deverão, ainda, reduzir significativamente a importação de petróleo, que hoje atinge 80% da sua demanda doméstica, visto que já são grandes produtores de cana-de-açúcar, relevante matéria prima para a produção do etanol local.

Impacto global

Além da redução significativa da emissão de poluentes locais, o etanol também se apresenta como uma das melhores alternativas

para endereçar um outro desafio, este de nível mundial, e que se configura como um dos mais importantes deste século: o aquecimento global. De fato, o etanol, considerando a análise do ciclo de vida, é capaz de reduzir em cerca de 90% as emissões de gases de efeito estufa, causadores do aquecimento global, comparativamente à gasolina.

Assim, além do Brasil e da Índia, muitos outros países têm enxergado no etanol uma solução imediata e economicamente viável para reduzir emissões e, consequentemente, atingir os compromissos adotados no Acordo de Paris. Dentre eles, destacam-se Estados Unidos, União Europeia, China e, mais recentemente, Reino Unido, que adotou o aumento da mistura de etanol na gasolina, de 5% para 10%, em setembro do ano passado.

Além do uso do etanol, outras soluções, como a eletrificação da frota de veículos, que poderão também se utilizar do etanol, seja nos carros híbridos flex, seja no etanol como fonte de hidrogênio para mover as baterias, deverão fazer parte de um conjunto de múltiplas rotas tecnológicas com um comum: a descarbonização da economia e a melhoria da qualidade do ar. A atual guerra que vivenciamos na Europa evidencia a necessidade urgente de se reduzir a dependência energética não somente das origens geográficas, mas também, e principalmente, a premência da diversificação das fontes de energia, particularmente aquelas limpas e renováveis.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Nem o Código do Consumidor nos salva

Com a aprovação do famigerado instituto da reeleição, principalmente para os cargos majoritários de presidente da República, governadores e prefeitos, o que foi feito na realidade foi o escancaramento total dos cofres públicos, da União, dos estados e municípios, para bancar a recondução desses políticos, que não se envergonham, nessas ocasiões, em usar e abusar da caneta e das prerrogativas que possuem para manter-se no poder.

Quem perdeu com isso foram, além dos eleitores e pagadores de impostos, toda e qualquer oposição real que venha a se formar para essas disputas. Criou-se, com isso, um quadro de disputas eleitorais totalmente injusto para a maioria dos candidatos. Somado a esse fato desalentador, os chamados políticos profissionais, ou seja, aqueles que construíram suas vidas e principalmente suas finanças exclusivamente em função dos cargos que vêm ocupando ao longo das décadas e dos quais jamais abriram mão, cuidaram logo de criar outro famigerado instituto. É representado pelos fundos eleitorais e partidários, todos eles carreados, sem muita cerimônia ou fiscalização, para as mãos desses profissionais da política.

Quando o pobre contribuinte brasileiro, extorquido e tosquiado por uma das maiores cargas tributárias do planeta, acreditou que a reeleição e os bilionários fundos partidários e eleitorais seriam os únicos encargos que teriam de bancar para custear a imensa e parasitária classe política nacional, eis que esses profissionais em esperteza deram um jeito de criar ainda outro mecanismo maroto para depenar, até a última pena, o já esfrangalhado cidadão.

Inventaram as emendas de relator, emendas de bancadas, além das emendas secretas, para destinar vultosos recursos públicos para seus nichos eleitorais. E sem fiscalização dos órgãos competentes, criando um largo duto por onde tem escoado centenas de milhões de reais dos cofres públicos, a perder de vista. Os segredos impostos ilegalmente sobre esses recursos poderão ser entendidos apenas tomando-se ciência exata da destinação dessa dinheirama.

A maior parte desses recursos acaba nos bolsos de empresas amigas ou de familiares, numa aritmética enviesada em que o único a sair perdendo é sempre o contribuinte, um otário cujas obrigações florescem como erva daninha enquanto os direitos morrem desidratados. Somados todos esses números fabulosos, inventados por pródigas e malévolas mentes, o que temos como resultado concreto dessa operação mostra claramente que a montanha de dinheiro público, extraída a fórceps dos contribuintes, que bancam ainda uma exótica e dispensável Justiça Eleitoral, não tem sido capaz de presentear os brasileiros com uma democracia digna do nome.

Pelo contrário, o que estamos bancando, a preço de ouro, é um modelo falido, a atrair uma classe parasitária, incapaz de compreender as necessidades do país e sobretudo dos cidadãos. De modo sucinto, como prevê até o *Código do Consumidor*, em seu artigo 26, estamos pagando caríssimo por um produto falsificado e com defeito ou problema de fabricação. Tudo isso sem indenização, compensação ou reparação. Sendo que, em caso de protesto pelo atendimento, o cidadão ainda corre o risco de vir a ser punido e preso.

» A frase que foi pronunciada

“Quando agentes públicos se revelam incapazes de diferenciar parte de todo, a população se dá conta de que o Estado está desvirtuado de suas finalidades, e os recursos estão sendo apropriados por predadores sociais, em atentados contra o pacto social que justifica impostos e Estado. É tão difícil entender isso? Um político que entendesse essa diferença e agisse de acordo seria aceito prazerosamente como presidente vitalício. Alguém se habilita?”

Nosso leitor, Rubi Rodrigues

Direitos coletivos

» A ideia do leitor Dario Maia é uma bela Ação Civil Pública, partindo da nota fiscal que os hospitais apresentam aos planos de saúde. Quem tiver o cuidado de analisar os detalhes vai ficar espantado com as cobranças e valores. Fica a dica do leitor.

Deu certo

» Ana Mascarenhas, gerente de Eficiência Energética da Neoenergia, avisa que no mês de outubro será lançado o próximo edital de chamada pública para a seleção de projetos de eficiência energética. O sucesso da ação no campus da Universidade de Brasília em Ceilândia indica que a iniciativa é um sucesso.

» História de Brasília

E mais: quando uma pessoa pede para ir para o Palace Hotel, os motoristas alegam que fica longe, que é mau para o hóspede, que lá é lugar de turismo e de exploração. É uma concorrência desleal e descortês. (Publicada em 21.02.1962)